

Os Rumos do governo Lula

Homero de Oliveira Costa

Jornal de Hoje 26.8.2004

Num artigo publicado em setembro de 2003 (“A recuperação do neoliberalismo no governo Lula”) o economista Carlos Eduardo Carvalho afirmou que o governo Lula significava um triunfo espetacular do neoliberalismo. Para ele “além de manter o essencial da política econômica e aprofundá-la, o novo governo encaminhou projetos de reformas institucionais antes denunciados como neoliberais e nomeou economistas afinados com o *mainstream* norte-americano para posições estratégicas não só no Ministério da Fazenda, mas também nos ministérios responsáveis pelas políticas sociais”. No dizer do autor, a conversão de Lula e dos principais dirigentes do PT representou a maior vitória do neoliberalismo na América Latina.

Transcorrida quase a metade do mandato de Lula e há ano do artigo, os fatos, ao que parece, têm lhe dado razão: um governo que eleito em meio a tantas expectativas e esperanças, tenha aderido de forma tão rápida aos princípios básicos da ideologia neoliberal, a um modelo que, na última década, especialmente na América latina, se revelou um grande fracasso, aprofundando a dependência e a vulnerabilidade externa, precarizando o mercado de trabalho, com o crescimento do desemprego e queda progressiva de renda dos trabalhadores, enfim, a deteriorização das já precárias condições sociais (muito diferente tem sido o tratamento dados aos bancos, como atestam seus lucros extraordinários).

O endividamento externo, o ajuste fiscal para garantir o pagamento da dívida pública, e estabilidade do valor da moeda e do sistema financeiro, que são parte dessa política econômica, preconiza uma série de políticas de estabilização e reformas econômicas que, em vez de levar a estabilização pode levar à recessão, com suas funestas conseqüências, ou seja, impõem ajustes que podem agravar o quadro de miséria do país.

A alguns pode parecer muito prematuro para que se cobrem do governo medidas que impliquem em alterações profundas de um modelo que se revelou

falido. No entanto, parece-se que o que se tem feito até agora (2004) não é apenas circunstancial, medidas necessárias face ao descalabro herdado dos fatídicos oito anos de (des) governo de FHC, mas uma decisão estratégica, uma opção política e econômica que, em última instância, é de interesse do grande capital financeiro, aprofundando as orientações básicas do governo anterior, realizando as reformas estruturais que FHC, embora tentasse, não conseguiu realizar. Para a economista Leda Maria Paulani, “engano é de quem acreditou ou acredita que a renição do governo petista ao canto de sereia do discurso liberal é apenas temporária e estratégia necessária para fazer a ‘travessia’ e garantir a transição sem traumas”.

Em contextos como o do Brasil, de empobrecimento, crescimento do desemprego e marginalização de vastos setores da população, deveria haver um grande esforço de reconstrução nacional. Era o que todos esperavam, mas, infelizmente, não é o que se tem visto. O Programa Fome Zero, por exemplo, a mais midiática das propostas do governo Lula, apela para a caridade e nada mais tem sido do que puro assistencialismo que não altera muito a situação dos famélicos do país.

Os casos da saúde e da educação também são emblemáticos: em vez de prioridades absolutas, são tratados da mesma forma que no governo anterior. Ao se referir às políticas do governo para as universidades públicas, o emérito sociólogo Octávio Ianni afirmou que ela está sendo mutilada “material, institucional e intelectualmente”. Para ele, o “ethos” universitário está sendo gravemente prejudicado pela atuação aberta e sub-reptícia das forças do mercado, de empresas privadas nacionais e transnacionais, das políticas do Banco Mundial com a cumplicidade do governo brasileiro.

disse Carlos Eduardo Carvalho “a guinada brusca do PT e de Lula e sua adesão ao campo neoliberal complicam substancialmente a posição da esquerda brasileira e exigem a rediscussão dos posicionamentos a assumir na luta política. Ao mesmo tempo, estimulam à reflexão crítica sobre o que ocorreu com um partido de esquerda tão forte, pelos critérios brasileiros, capaz de construir uma unidade tida como exemplar, apresentado como partido livre dos

vícios acumulados pelas organizações de esquerda, e que agora se bandeia para o outro lado com enorme facilidade, sem grandes rupturas, sem grandes conflitos”.

Homero Costa é professor do Departamento de Ciências Sociais da UFRN
http://www.dhnet.org.br/direitos/militantes/homero_costa/index.html



www.dhnet.org.br